Revista Pax Domini é licenciada sob
uma Licença Creative Commons.

CULPABILIDADE E INOCÊNCIA DA VÍTIMA EM RENÉ GIRARD: NOÇÕES DE GRAÇA NA TEOLOGIA PENTECOSTAL ASSEMBLEIANA

Gideane Moraes de Souza[1]

Resumo

O texto a seguir tem a intenção de apresentar de maneira sucinta a noção de vítima sacrificial na teoria do Mecanismo Mimético em René Girard. Partindo deste pressuposto, verificar como ele articula a importância sacrificial de Cristo demandando Graça do lugar de Culpa e Pecado, a partir de textos teológicos produzidos pela própria instituição Pentecostal Assembleiana.

Palavras-Chave: Vítima Sacrificial; Teologia Pentecostal Assembleiana; Mecanismo Mimético.

Abstract

The following text intends to present succinctly the notion of sacrificial victim in the theory of the Mimetic Mechanism in René Girard. Starting from this presupposition, to verify how it articulates the sacrificial importance of Christ demanding Grace from the place of Blame and Sin, from the theological texts produced by the Pentecostal Assembleia itself.

Keywords: Sacrificial Victim; Assembleian Pentecostal Theology; Mimetic Mechanism

Introdução

A Teologia Pentecostal Assembleiana tem feito nestes últimos anos, tentativas de fixar-se sobre o que pensa, sobre seus dogmas e suas convicções. A declaração de Fé publicada no ano passado é a forma configurada destes seus movimentos, que têm a intenção de estabelecer o que professa. Dentre todos os temas demandados, escolhemos o do Pecado e Graça para, a partir de uma leitura do Mecanismo Mimético

[1] Doutoranda em Ciências da Religião (Universidade Metodista de São Paulo – UMESP); Pesquisadora Bolsista CNPQ; Mestrado em Ciências da Religião (UMESP); Especialização em Filosofia (Universidade Federal de Minas Gerais –UFMG); Teologia (Instituto Bíblico das Assembleias de Deus – IBAD). Membro Rede Latino-Americana de Estudos Pentecostais – RELEP. Membro Grupo de Pesquisa Religião e Educação, coordenado pelo Prof. Dr. Jung Mo Sung (Universidade Metodista de São Paulo – UMESP). gideanes@hotmail.com

de René Girard, mais especificamente no que tange ao tema da Vítima sacrificial, fazer correlações e, em síntese desaguar em uma leitura teológica- sociológica destes mesmos.

René Girard em sua Teoria do Mecanismo Mimético tem o interesse em compreender a lógica da violência, em última instância. Contudo, no percurso, ele constrói e torna patente aspectos pertinentes que, se descritos, podem ser observados a partir de outros lugares. Isto posto, partiremos então para um recorte pontual de sua teoria e recorte do tema do Pecado e Graça na Teologia Pentecostal, passando antes, por uma noção geral de seu Mecanismo.

1 Mecanismo Mimético: Descrições Gerais

René Girard apresenta todo o seu Mecanismo Mimético como uma cíclica lógica que se complementa ao articular temas que constroem uma grande teoria ao final. Todo o Mecanismo perpassa por temas grandes e complexos. Ele distingue sua teoria como uma sequência fenomenológica bem ampla, onde descreve todo o processo começando pelo desejo mimético, que depois se torna rivalidade mimética "com possível escalada até o estágio de uma crise mimética e, por fim, terminando com a solução do bode expiatório"[2]. Ele reconhece que sua teoria gravita com torno de duas noções-chave: "o caráter mimético do desejo humano e a centralidade do sacrifício no surgimento da cultura e de todas as suas instituições – da emergência da linguagem à criação de religiões, da formulação de ritos e mitos ao surgimento de estruturas políticas de controle da violência"[3].

O ponto de onde René Girard parte, dentro de sua perspectiva antropológica, é o de que "o homem é uma criatura que perdeu parte de seu instinto animal para acender àquilo que se chama desejo"[4], ou seja, o homem é um ser que deseja. Essa capacidade

[2] GIRARD, René. ANTONELLO, Pierpaolo; ROCHA, João C.de Castro. **Evolução e Conversão**. Editora É realizações: São Paulo, 2011, p. 79.
[3] GIRARD; ANTONELLO; ROCHA, 2011, p.11.
[4] GIRARD, René. **O Bode Expiatório**. Editora Paulus: São Paulo – SP, 2004, p. 25.

de desejar da qual evidencia a diferença entre os seres humanos e os animais só pode existir mediante a imitação, pois “para desejarmos verdadeiramente, temos que recorrer aos homens que estão à nossa volta, temos que lhes imitar os desejos”[5]. Ações que desencadeiam consequências complexas e que serão outra vez questionadas em sua teoria.

Como o ser humano necessita de algo para desejar, ele vai então fazê-lo a partir de outro ser humano, um modelo, e por querer sê-lo, passa a desejar o mesmo objeto de desejo deste modelo. Porém, ao desejar o mesmo que o outro, este ser desejante entra em uma lógica mimética, que pode desencadear violência, visto que os dois lutam pelo mesmo objeto. O desejo, nesta esfera é chamado pelo autor de desejo triangular, onde se apresentam o ser desejante, o modelo de desejo e o objeto de desejo.

Como apenas um poderá possuir o objeto, naturalmente haverá conflito, pois “qualquer Mímese relacionada ao desejo conduz necessariamente ao conflito”[6]. Este conflito é gerado porque aparece uma rivalidade entre os seres, chamada Rivalidade Mimética. Este autor sustenta que a rivalidade mimética representa a fundação ou origem dos conflitos humanos e, frente a isso, “o legislador proíbe o desejo dos bens do próximo esforça-se por resolver o problema número um de qualquer comunidade humana: a violência interna”[7]. Inserido neste escopo, está o que o autor chama de Mediação, que tem a ver com o lugar onde se encontra o Modelo em relação ao ser desejante. Se este lugar é o mesmo, ou seja, o objeto de desejo está na mesma esfera, a mediação é dita interna, assim sendo, haverá toda a probabilidade para que ocorra o conflito. Quando o modelo está fora do mundo do ser desejante a rivalidade não ocorre, pois, uma vez que se encontram em esferas diferentes, o ser desejante não pode possuir o objeto mediado pelo modelo.

Neste primeiro momento da teoria, percebe-se que o que o ser desejante quer ou deseja está intrinsecamente atrelado ao que o modelo deseja e não ao objeto de desejo em si. Para a Mímesis se tornar puramente antagonista, Girard, Antonello e Rocha

[5] GIRARD, 2004, p. 32.
[6] GIRARD, René. **A violência e o Sagrado**. Ed.Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 1990,p. 185.
[7] GIRARD, 2004, p. 25.

afirmam que o objeto tem de desaparecer. Quando isso acontece, ocorre a proliferação de duplos, e com ela a crise mimética fica às portas. Neste momento em que o antagonismo e a violência aparecem, também se espalham de modo mimético, por meio da vingança e do ressentimento acumulado, produzindo o estado de crise radical de todos contra todos.

Tendo em vista esta noção da geração da violência, o autor defende que a humanidade se comportará dentro esta lógica, a qual gerará violência geral e irreversível, transformando a realidade em caos.

> [...] existe uma violência quase universalmente compartilhada: a violência do sacrifício. Mesmo os povos mais aparentemente pacíficos praticam alguma forma de rito ou equivalente. As práticas sacrificiais se encontram difundidas em regiões muito afastadas entre si, de forma que é praticamente impossível recorrer a um argumento difusionista para explicar sua existência[8].

Existindo esta lógica de conflitos, toda a comunidade entrará numa realidade de violência e caos. Esse tipo de relação sempre ocorre em um grupo social, ela é sempre coletiva. Se, num primeiro momento, a rivalidade afeta o sujeito e seu modelo, ou seja, se a relação é sobretudo individual e, portanto, as consequências são necessariamente limitadas, em um segundo momento, essas relações começam a se disseminar, porque o desejo é, em si mesmo, mimético. Então, a violência não pode senão disseminar-se, contagiando todo o grupo.

A escalada da violência do desejo mimético faz com que em algum momento a sociedade esteja ameaçada de desagregação, em virtude da proliferação de rivalidades e conflitos. Imaginemos, agora, que tais rivalidades e conflitos ainda não possuem nenhuma forma de controle institucional. Ora, era essa a situação dos primeiros grupos de hominídeos, antes mesmo da emergência da cultura. Logo, o grupo social pode desintegrar-se pela multiplicação de conflitos localizados.

Contudo, o conflito poderá ser contido e a violência apaziguada quando a comunidade encontrar uma vítima, descrita pelo autor como vítima sacrificial, que ela,

[8] ANDRADE, Gabriel. **René Girard**: Um retrato Intelectual. Editora É Realizações. São Paulo, 2011, p. 117.

mesmo se reconhecendo como culpada, será sacrificada por toda a comunidade, desta feita, restabelecendo a ordem por um tempo. Girard afirma que conhecer a vítima como expiatória requer uma espécie de conversão porque implica em conhecer-se a si mesmo como perseguidor.

2 Vítima Sacrificial

Para Girard esta vítima "acumula e carrega todas as iras de seus sacrificadores. Acontece uma autentica operação de *transfert* coletivo que se efetua à custa da vítima e que atua sobre as tensões internas, os rancores, as rivalidades e todas as violências de ação recíproca e agressões no seio da comunidade"[9]. A vítima é aquela que também se acha culpada. Não há aqui, consciência de sua inocência, nem da lógica de conflito e canalização coletiva que se instaurou.

Girard defende que este rito sacrificial possui um o traço elementar que é a substituição. Esta não é uma ideia nova. Para ele, ela encontra-se explicada em diversos textos sagrados que dão indicações sobre a correta execução do rito sacrificial. Ele considera que quase toda a forma de violência instituída, sacrificial ou não, subjaz a ideia de substituição.

A vítima sacrificial será a substituta da comunidade, o que, dentro do Mecanismo Mimético é chamado por Rene Girard de Bode Expiatório, isto é, aquele por meio de quem será outra vez pacificado à existência e encerrado o ciclo de violência e Mimetismo momentaneamente.

> Desta forma, a substituição é uma forma de "enganar" a violência. A substituição executa a violência, mas a "engana" na medida em que não executa as vítimas reais porque emprega vítimas substitutas. A violência pede sangue, e o sacrificador lho concede. Mas, para salvar-se e proteger a si mesmo e ao restante de sua comunidade, oferece o sangue de uma vítima substituta, de forma que a violência fique satisfeita sem que nenhum ente querido tenha sido executado[10].

[9] ANDRADE, 2011, p. 121.
[10] ANDRADE, 2011, p.118.

Delineia-se assim, a ideia de que a vítima substituta serve como um terceiro que recebe a violência entre dois pontos partidos em disputa. “A vítima substituta canaliza as agressões, de forma que, ao morrer, leva consigo a violência que foi executada sobre ela e livra o executor dessa violência que pode pôr em perigo seus mais próximos, bem como a si mesmo”[11]. Em síntese, as vítimas substitutas passam a ser agentes que, para dizer a verdade, aos sacrificadores não importa perder, desde que contenham a violência a salvem a si próprios. Elas serão a possibilidade de reorganização social e eliminação momentânea do caos.

Para que se compreenda o mecanismo do bode expiatório, Girard afirma ser importante verificar apenas a natureza da violência e o processo mimético. “Ao início desse processo segue-se uma reação em cadeia; logo, *todos* os membros da comunidade estarão se valendo de uma mesma válvula de escape para suas energias hostis – o bode expiatório”[12].

Os indivíduos sacrificáveis diferenciam-se daqueles não-sacrificáveis, observando o fato de que seu sacrifício não demanda outras situações conflitantes, na medida em que entre a comunidade e a vítima não há relação de defesa, “pois a vítima sacrificial é aquela que, ao ser colocada em perigo, não encontrará quem venha tomar seu partido. [Assim sendo], “o sacrifício impede o desenvolvimento dos germens da violência, auxiliando os homens no controle da vingança”[13]. Havendo a canalização da violência coletiva e direcionando-a a essa vítima, a comunidade consegue controlar a violência sistêmica e reconciliar seus membros após a expulsão coletiva e unânime desta vítima aleatória, que é percebida como causadora da crise, sacrificada para que ocorra o restabelecimento do equilíbrio social. “Esse mecanismo é ‘farmacológico’ pré-consciente é tão precioso para a comunidade que frequentemente a vítima e seu assassinato são sacralizados”[14].

Para Girard estes crimes aparentam ser fundamentais. Eles afetam o fundamento da ordem cultural, isto é, a família e as alterações hierárquicas, sem as quais a ordem

[11] ANDRADE, 2011, p.122.
[12] GOLSAN, Richard J. **Mito e Teoria Mimética:** Uma Introdução ao Pensamento Girardiano. Ed. É Realizações, São Paulo, 2014, p.66.
[13] GIRARD, 1990, p. 30-31.
[14] GIRARD; ANTONELLO; ROCHA, 2011, p. 34.

social não existiria. “Em outras palavras, o bode expiatório é acusado de cometer precisamente aqueles crimes que, contribuindo para a perda de distinções na comunidade, precipitariam a crise sacrificial”[15].

> Quando o bode expiatório é sacrificado, à sua remoção se seguem o retorno da ordem e o abrandamento das tensões na comunidade, é provável que um tipo completamente distinto de transformação ocorra. Como resultado do processo mimético o bode expiatório passa agora a ser percebido como salvador. A vítima já sacrificada, originalmente culpada pelo surto de violência que contaminara a comunidade, é então enaltecida por ter-lhe dado fim. Outrora maldita por ser a fonte do caos, ela é agora venerada como fonte de harmonia social. Em essência, o bode expiatório se torna um oximoro: é tanto benção quanto uma maldição[16].

Girard observa que, na Grécia clássica, essa condição paradoxal era precisamente a condição dos *pharmakoi*[17], aqueles indivíduos utilizados como vítimas sacrificiais quando a comunidade se via ameaçada por alguma calamidade. Assim, o mecanismo do bode expiatório permite, portanto, que a comunidade que está em crise se livre da própria violência por meio de um assassinato coletivo e, ao mesmo tempo, se reabilite ao atribuir esta violência a fontes externas.

Para além disto, a eficácia deste processo encontra-se em grande parte atrelada ao papel crucial que ele desempenhou, e continua a desempenhar nos afazeres humanos. “Para Girard, o mecanismo do bode expiatório não é um acontecimento ocasional ou insignificante da história do homem, e sim o ‘princípio gerador’ que jaz no âmago de todo desenvolvimento cultural e social”[18].

O bode expiatório se torna então a vítima culpada que será imolada a fim de que a violência implique em paz e a ordem se restabeleça – ainda que temporariamente – na comunidade. A isso o autor denomina Sacrifício. Contudo, nosso teórico, encontra no Cristianismo e na lógica do Sacrifício de Cristo o rompimento deste ciclo. Para Ele, Jesus de Nazaré ao saber que era inocente n0 movimento de auto entrega à morte, rompe com esta dinâmica e revela o ciclo de violência nunca antes exposto.

---

[15] GOLSAN, 2014, p. 67.
[16] GOLSAN, 2014, p. 68.
[17] Phármakon teria significado: o que concerne um golpe demoníaco, ou que é empregado como meio curativo contra tal golpe, sendo dada a crença popular muito difundida de que as doenças são causadas por golpes do demônio e curadas do mesmo modo. (Farmácia de Platão. Jacques Derrida, 2005. 84).
[18] GOLSAN, 2014, p. 70.

3 Pecado e Pentecostalismo

A teologia Pentecostal do pecado, da Culpa e Graça passou por várias vertentes ao longo dos anos. No entanto, ela dá conta de que, em pelo menos seis aspectos, há um consenso em todos os seus defensores, são eles: A solidariedade da humanidade em Adão (Rm.12.21,22); a pecaminosidade é universal (Rm.5.12,19); Depravação Total (Ef. 2.1-3); Todos os seres humanos, sem exceção, são merecedores de castigo (Rm. 3.23); a terra foi amaldiçoada também pelo pecado de Adão (Gn. 3.17-1) e; embora possuísse uma natureza humana completa, Cristo nasceu sem pecado (Lc. 1.35)[19]. Desta feita, o sacrifício da vítima sacrificial Jesus Cristo, emerge a fim de abrandar esta culpa coletiva, no caso, também o instinto de conflito demandado por esta a toda a humanidade.

Os textos assembleianos elencam dois elementos do Pecado Original, que seriam: Culpa e Punição. A culpa original: A palavra culpa expressa a relação que há entre o pecado e a justiça, ou, como o colocam os teólogos mais antigos, é a penalidade da lei. Quem é culpado está numa relação penal com a lei. Podemos falar da culpa em dois sentidos, a saber, como *reatus culpae* (réu convicto) e como *reatus poenae* (réu passível de condenação). O sentido habitual, porém, em que falamos de culpa na teologia, é o de *reatus poenae*.

Com isto se quer dizer merecimento de punição, ou obrigação de prestar satisfação à justiça de Deus pela violação da lei, feita por determinação pessoal. Isso é evidenciado pelo fato de que, como a Bíblia ensina, a morte, como castigo do pecado, passou de Adão a todos os seus descendentes: (Rm 5:12 - 19, Ef 2:3, 1 Co 15:22). O Cristo sacrificial sabe que é inocente, mas decide e, em imanência ocupar o lugar de Bode Expiatório, a fim de cumprir os desígnios necessários ao Perdão destes pecados e liberação de Sua Graça.

[19] Referências retiradas de DANIEL, Silas. **Arminianismo:** A mecânica da Salvação: Uma exposição histórica doutrinária e exegética sobre a Graça de Deus e a reponsabilidade humana. Editora CPAD, 2017, p. 310-313.

4 A Graça pelo Sacrifício da Vítima

Na declaração de Fé das Assembleias de Deus a noção de graça passa por esse sacrifício de Cristo. Os indivíduos pecaram de tal forma que não podem, por si mesmos, chegar a Deus.

> A Bíblia qualifica essa condição espiritual como 'mortos em pecado' (cl 2.13) e mortos em ofensa (Ef 2.5). a ideia de morte, aqui, é de separação, e não de aniquilamento. Deus derrama sua graça, sem a qual o homem não pode entender as coisas espirituais, ou seja, foi Deus quem tomou a iniciativa da Salvação [...] agindo em favor das pessoas[20].

Seus membros são ensinados através de seus líderes que o perdão eterno de Deus tem a ver com a salvação eterna do homem. Embora tal perdão seja para a eternidade, ele, todavia, é dado hoje ao pecador. Sobre que base tal perdão é concedido? Para eles, é baseado no texto bíblico: *"E sem derramamento de sangue não há remissão de pecados"* (Hb 9.22)*; "isto é o meu sangue, o sangue do pacto, o qual é derramado por muitos para remissão dos pecados"* (Mt 26.28).

Estes versículos os convencem que o perdão eterno está fundamentado no sangue de Jesus. Não importa quão grande ou grosseiro possa ser o pecado; ele pode ser perdoado por meio do Seu sangue. Tal perdão não é sem preço, visto que Deus não pode perdoar livremente; porque *"sem derramamento de sangue, não há remissão"*. Para eles, ao perdoar os pecados Deus não fez ignorou o pecado do homem, Ele só pode perdoar porque já julgou nossos pecados na carne de Cristo. Jesus morreu, e seu sangue pagou o preço. Por isso Deus pode ser muitíssimo justo em perdoar, pois como poderá Ele não nos perdoar visto os seres humanos têm um Salvador que por eles morreu? A razão pela qual os pecados são perdoados é o sangue de Jesus o Filho de Deus.

A Base para o perdão é o Seu sangue produzindo Graça que é favor imerecido. É por meio dela que Deus instrui o indivíduo para que não responda ao seu instinto de violência e morte. Ela é o não chamado à sua própria natureza má:

[20] CGADB, **Declaração de Fé das Assembleias de Deus**. Editora CPAD, 2017, p. 2013.

> *Estamos livres da lei, pois morremos para aquilo em que estávamos retidos; para que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da letra' (Rm 7.6).* Apesar de estarmos libertos da lei, esta liberdade significa que estamos livres para servir, e não para pecar. Assim, sendo, servimos a Jesus e somos guiados pelo Espírito na obediência [através de Sua Graça] [grifo meu][21].

Deduz-se então, lançando mão da Declaração de Fé pentecostal Assembleiana que, Cristo como vítima sacrificial perfeita rompe com o ciclo de violência demandado pelo mecanismo de mimetismo Girardiano. Este bode expiatório abranda e instaura perdão sobre o Pecado original e coletivo e através da Graça, deslocamentos que abrandam o instinto de pecado, isto é, conflito, violência e morte.

Considerações Finais

Em tons de finalização e síntese, podemos questionar então: Qual seria a singularidade do cristianismo e da Teologia Pentecostal Assembleiana? Qual mensagem a Bíblia judaico-cristã tem para oferecer, que difere dos incalculáveis mecanismos vitimários?

Cristo é a vítima sacrificial que une a todos. Ela se apresenta inocentemente e voluntariamente como culpada, sabendo que não o é. A comunidade o culpa no afã de acalmar seus conflitos e moer seu instinto de vingança e morte, contudo Ele é inocente! Por ser inocente, Ele paga com o sangue o direito ao Perdão e Vida a todos através da Maravilhosa Graça. Por ser inocente e disso saber, Ele rompe com o ciclo de rivalidade e violência antes apenas abrandados através dos ritos.

Descobre-se na Bíblia um divino que não faz parte dos ídolos coletivos da violência. Chega-se ao Deus único, ao monoteísmo, o qual defende as vítimas. "Na lógica da Salvação, a morte é importante para que" ocorra a adoção, onde os indivíduos passam de criaturas e servos do pecado à condição de filhos libertos"[22]. O Sacrifício imanente apresenta-nos um Modelo Perfeito, por meio do qual toda a humanidade pode ser reconciliada com o Pai. É Perdão! É Graça! É Vida!

---

[21] CGADB, 2017, p. 153

[22] POMMERENING, Clayton. **A obra da Salvação**. Editora CPAD: São Paulo, 2017, p. 122.

Cristianismo está sempre nos mostrando que nossos bodes expiatórios não passam de bodes expiatórios, ou seja, inocentes a quem culpamos [...] essa compaixão pela vítima é o sentido mais profundo do Cristianismo. Sempre seremos miméticos, mas não temos de envolver-nos em rivalidades miméticas. Não temos de acusar nossos vizinhos; ao contrário, temos de aprender a perdoá-los.

(René Girard)

Referências

ANDRADE, Gabriel. **René Girard**: Um retrato Intelectual. Editora É Realizações: São Paulo, 2011.

CGADB, Declaração de Fé das Assembleias de Deus. Editora CPAD: São Paulo, 2017.

DANIEL, Silas. **Arminianismo-A mecânica da Salvação**: Uma exposição histórica doutrinária e exegética sobre a Graça de Deus e a reponsabilidade humana. Editora CPAD: São Paulo, 2017.

GIRARD, René. **Quando começarem a acontecer essas coisas:** Diálogos com Michel Treguer. Editora É Realizações: São Paulo, 2011a.

_____. **Aquele por quem o escândalo vem**. Editora É Realizações. 2011b. São Paulo, 2011.

_____. **O Sacrifício**. Editora É realizações: São Paulo. 2011c.

_____. **Eu vi Satanás cair do céu como um raio**. Instituto Piaget/ Crença e Razão: Lisboa-Portugal, 1999.

_____. **A violência e o Sagrado**. Ed. Universidade Estadual Paulista: São Paulo, 1990.

_____. **O Bode Expiatório**. Editora Paulus: São Paulo, 2004.

_____. **Coisas Ocultas desde a Fundação do Mundo**: A revelação destruidora do mecanismo mimético. Editora Paz e Terra. São Paulo, 2008.

_____. **Mentira romântica, verdade romanesca**. Editora É realizações, 2009. São Paulo.

GIRARD, René; GOUNELLE, André; HOUZIAUX. **Deus**: Uma Invenção? Editora É Realizações: São Paulo, 2011.

GIRARD, René. ANTONELLO, Pierpaolo; ROCHA, João C.de Castro. **Evolução e Conversão**. Editora É realizações: São Paulo, 2011.

GOLSAN, Richard J. **Mito e Teoria Mimética**: Uma Introdução ao Pensamento Girardiano. Editora É Realizações: São Paulo, 2014.

POMMERENING, Clayton. **A obra da Salvação**. Editora CPAD: São Paulo, 2017.